

Repetição, redobro e reduplicação em uma perspectiva histórica

Cristina Lopomo Defendi *

Resumo: Neste trabalho, realizamos um breve levantamento dos casos de repetição, redobro e reduplicação de morfemas, palavras e idéias na língua portuguesa culta falada de São Paulo. Buscamos, com isso, perceber a motivação para tal uso, tendo como base uma perspectiva histórico-etimológica.

Abstract: In this work, we carry through a brief survey of the cases of repetition, redouble and reduplication of morphemes, words and ideas in the known Standard Language of Portuguese of São Paulo. We search, with this, to perceive the motivation for such use, having as basis an etymological and descriptonal perspective.

0. Introdução

O objeto de estudo deste artigo é a repetição. Por ser um termo muito abrangente, restringiremos a pesquisa e a análise aos casos conhecidos na gramática como redobro e/ou reduplicação. Ainda assim, são vários os fenômenos abarcados sob tal designação e, por isso, primeiramente buscaremos as definições dadas para esses termos. Em segundo momento, apresentaremos de forma sucinta alguns deles e focaremos um tipo de repetição, mais centrada na morfologia histórica, com a pesquisa histórico-etimológica.

Como *corpus*, utilizamos material de língua falada sincrônica do século XX. Esse ponto de partida é plausível se tomarmos como base o princípio da persistência (Hopper, 1991), segundo o qual os usos sincrônicos revelariam traços e propriedades de usos anteriores e também o princípio do uniformitarismo (Labov, 1994), segundo o qual fenômenos recorrentes no passado ainda sobrevivem no estágio atual da língua.

* Mestranda em Filologia e Língua Portuguesa – USP

Professora do CEFET-SP

Os exemplos de repetição que aqui serão analisados foram extraídos de amostras de língua falada culta em situação de diálogo entre dois informantes, oriunda do Projeto NURC-SP, inquérito n.º 343. O registro do diálogo entre um homem de 26 anos, engenheiro, paulistano e uma mulher de 25 anos, psicóloga, paulistana ocorreu em 1976.

1. Definição dos objetos

Procedemos à pesquisa das definições apresentadas para os termos *repetição*, *reduplicação* e *redobro* em dicionários de lingüística. Para Mattoso Câmara (1973: 307 e 330), redobro é o mesmo que reduplicação, ou seja, “repetição da sílaba radical de um vocábulo, a qual em muitas línguas corresponde a um tipo de morfema, dito reduplicativo. Em português, a reduplicação, ou redobro, aparece com conotação de carinho – nos nomes de parentesco na linguagem infantil (papá ou papai, mamã ou mamãe, titio, etc) e nos hipocorísticos (Lulu, Zezé). Também serve para a estruturação da onomatopéia.” Em relação à repetição, é feita uma menção no verbete sobre pleonasma: “Do pleonasma se distingue a repetição, ou iteração, numa seqüência em que se repete o mesmo vocábulo por motivo de ênfase.”

Para Dubois *et alii* (1978: 503-504), reduplicação é o mesmo que redobro, em cujo verbete há as seguintes características apresentadas:

1. Chamamos redobro a repetição de um ou vários elementos (sílabas) de uma palavra ou de uma palavra inteira com fins expressivos, como nos hipocorísticos (Mimi, Nhonhõ), nos intensivos (é muito, muito pequeno) etc.
2. Na constituição do perfeito grego, chama-se *redobro silábico* o processo que consiste em repetir, antes de uma raiz que começa por consoante, a consoante inicial, fazendo-a seguir por um *e* (*luein* tem como perfeito *leluka*), e *redobro temporal* o processo que consiste em fazer preceder uma raiz que começa pela vogal *e* (*êgomai*, perfeito de *agomai*, isto é, *e+agomai*).
3. Chama-se também redobro a repetição de uma palavra inteira; assim, as palavras latinas *janjam* e *quis-quis* são reduplicações respectivamente de *jam* e *quis*.

Também é usado o termo reduplicação.

Em Crystal (2000: 221), os termos redobro e repetição não aparecem no dicionário e reduplicação é apresentada como sendo o “Termo que, na morfologia, se refere a um processo de repetição através do qual a forma de um prefixo/sufixo reflete certas características fonológicas da raiz. Este processo pode ser encontrado no grego, onde a consoante inicial da regra é reduplicada em certos contextos gramaticais (formas perfectivas): /'lu:o:/ "eu alargado" se torna /'leluka/ "eu tenho alargado". Em inglês, um exemplo aproximado seriam as "palavras compostas reduplicativas", como *helter-skelter*, *shilly-shally*. Em português, o prefixo *re-* e, principalmente, o sufixo *-itar* indicam, de certa maneira, a mesma noção *refazer*, *saltitar*.” Pareceu-nos estranha a afirmação de que esses afixos citados funcionam em português para repetir características da raiz uma vez que, embora com noção de repetição, independem da raiz para imprimir tal idéia.

Já Bechara (2005) desenvolve alguns tópicos relativos à repetição, como, por exemplo, ao falar da reduplicação, “também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa: *tique-taque*, *reco-reco*, *pingue-pongue*. Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopéias.” Outras formas de repetição são o paralelismo, que é a repetição de idéias mediante expressões aproximadas, e o pleonismo, a repetição de um termo já expresso ou de uma idéia já sugerida, para fins de clareza ou de ênfase.

Por essas definições apresentadas, selecionamos alguns exemplos ocorridos no nosso *corpus* de análise: (i) repetição de morfemas (identidade entre prefixo e preposição usada por um verbo ou por um nome), (ii) reduplicação e repetições de palavras/expressões– recurso expressivo / estilístico, (iii) repetição de idéias / pleonismo.

2. Listagem de exemplos, análises e etimologias

2.1. A repetição de morfemas

Bechara (2005: 569) faz o seguinte comentário em sua mais recente gramática:

Repetição de prefixo e preposição - Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p.ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *concorrer com*, *deduzir de*, *incluir em*, *aderir a*, *concordar com*, *coincidir com*, etc.

Cabe a nós, então, “atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas” e é o que tentamos fazer neste artigo. No *corpus* analisado, houve a ocorrência das seguintes palavras que apresentam identidade entre prefixo e preposição: ‘*comparar com*’ (linhas 7, 16, 223, 267, 268, 1648), ‘*continuar com*’ (linha 226), ‘*contribuindo com*’ (linha 578), ‘*contato com*’ (linha 839), ‘*depende de*’ (linhas 900, 907, 940, 954), ‘*envolvido num*’ (linha 918). Para a análise desses termos, procedeu-se ao levantamento do significado e da etimologia da palavra, bem como a análise do prefixo/preposição. Para tanto, recorreu-se a dicionários etimológicos, de latim e de língua portuguesa e também a linguistas. Convém lembrar, ainda, que as preposições se originaram de advérbios e que, no indo-europeu, não há preposição ou prefixo, há advérbio.

Seguem-se, então, os achados da pesquisa:

Comparar v. do lat. *comparare*, “acasalar, emparelhar, juntar para a luta, opor como antagonista; *fig.*: aparelhar, acasalar, pôr no mesmo pé, no mesmo plano, assimilar; comparar; mostrar por comparação” (Machado, 1967)
‘cotejar, confrontar’, ‘igualar, equiparar’, séc. XIV (Cunha, 1987)
par(i) antepositivo, do v.lat. *paro,as,ávi,átum,áre*, intensivo durativo de *pario, is,peperi,partum,eère*, segundo Ernout e Meillet, propriamente 'esforçar-se para obter', donde 'obter, alcançar, adquirir com dinheiro, comprar'; (Houaiss, 2002)
paro, as, are – tornar igual, igualar, comparar, acomodar (Faria, 1991)

Contribuir v. do lat. *contribuere*, “apresentar a sua parte em comum, juntar o seu quinhão; acrescentar de maneira que se confunda; juntar (anexar) de maneira que incorpore; dispor, arranjar, classificar”; por via culta. Séc. XVII (Machado)
‘colaborar, cooperar’, do lat. *Com-tribuere* (Cunha)
trib-antepositivo, do lat. *tribus,us* 'tribo, divisão do povo romano', correspondente à *phulê* grega, com derivados como *tributarius,a,um* 'relativo a tribo', *tribúlis,e* 'que é da mesma tribo, que pertence à última classe de cidadãos'; verbos com os prevérbios *at-* (< *ad-*), *con-*, *dis-*, *in-* e *re-*; essa cognação é representada em port. por cultismos, a partir do sXIV, e suas derivações vern. (Houaiss)

Continuar v. do lat. *continuare*, “fazer seguir imediatamente, assegurar uma continuidade, juntar de maneira que forme um todo sem interrupção; fazer durar sem descontinuidade; durar, persistir”. Séc. XIV (Machado)
ten- antepositivo, do v.lat. *teneo,es,tenùì,tentum,tenére* 'ter', da mesma raiz **ten-* de *tendère*; v. *continuo,as,ávi,átum,áre* 'continuar; seguir-se imediatamente', *continuatío,ónis* 'continuação; continuidade', *continuatívus,a,um* 'copulativo, que indica continuação, consequência', *continuitas,átis* 'continuidade' (Houaiss)
teneo, es,ere,tenuí, tentem – entre outras acepções, estar imóvel, manter; durar,

persistir (Faria)

OBS: Constrói-se com acusativo, com acusativo e ablativo acompanhado de *cum* e com acusativo e dativo.(Faria)

- Contato / contacto** s. do lat. *contactu-*, “contacto, toque; contacto contagioso, contágio”. Séc. XVII
Sm ‘ato de exercer o sentido do tato’, ‘estado ou situação dos corpos que se tocam’, ‘ext. relação de freqüência, de proximidade’ (Machado)
tact- antepositivo, do v.lat. *tango, is, tetigi, tactum, tangère* ‘tocar (sentido físico e moral, transitivo e absoluto)’; antigo, usual, clássico, conservado parcialmente nas línguas român., com sentidos técnicos; a cognação port. de base culta inclui: *contactus* (Houaiss)
- Depender** v. do lat. *dependere*, “estar suspenso, pender de; fig. Dependere de, ligar-se a, derivar de”, séc. XIV (Machado)
pend- antepositivo, do v.lat. *pendó, is, pependi, pensum, pendère* (3ª conj. lat.) e *pendè, es, pependi, pensum, pendère* (2ª), o primeiro como ‘suspender, pesar’ e o segundo como ‘ser suspenso, estar suspenso’, distinção que se esbate no vulg., com o trânsito de *pendère > pendere = pendere* (Houaiss)
- Envolver** v. do lat. *involvere* – “fazer rolar até baixo, fazer cair a rolar; enrolar, envolver”. Séc. XIV (Machado)
Volver – ‘mudar de posição ou direção de’, ‘voltar, revolver’ séc. XIII (Cunha)
Volv - antepositivo, de uma raiz indo-européia **wel-/welw-* ‘rolar, rodar’, com correspondentes já no sânsc., já no gr., já no lat., já no germ., já nas línguas modernas de cultura; encontramos em port. um número muitíssimo expressivo de voc. derivados dessa raiz, advindos: **I**) do gr.: *élutron, ou* ‘invólucro, estojo, bainha (de espada); **II**) do lat.: 1) do v.lat. *volvo, is, volvi, volútum, ère* ‘rolar, revirar, rodar; enrolar; folhear; empurrar rolando. (Houaiss)
- Com** indo-europeu: **kom* – ‘com, em companhia de, junto a, ao lado de’
Sentidos: a) companhia; b) convergência, afluência, movimento para o mesmo lugar; c) reunião, junção; d) simultaneidade, contemporaneidade; e) concordância, acordo, harmonia, conformidade; f) acabamento, plenitude, inteireza; g) intensidade, h) movimento unilateral. (Romanelli, 1964)
Este prefixo não devia ter grande vitalidade no latim vulgar. Falta no romeno, exceto em algumas palavras cristalizadas. Frequentemente compostos genuinamente romances são simples formas petrificadas, como em **cominitiare*. A maior parte das formações românicas posteriores reproduzem compostos latinos e, evidentemente se deve à língua culta a nova produtividade do prefixo. (Maurer Jr, 1951)
- De** indo-europeu: **de, *do*, partícula dítica, de uso prepositivo e pospositivo
Sentido : a) movimento de cima para baixo, descida, queda; b) afastamento, separação; c) diminuição, redução; d) privação, negação; e) afastamento, consumação; f) intensidade; g) sentido zero (esvaziamento de conteúdo semântico. (Romanelli)
- In** ie. **em* (variante **n, *eni, *ni, *nei, *ndhi*) ‘em’
Sentido: a) movimento em, sobre, superposição; b) movimento para dentro, penetração; c) movimento em direção a, para junto de, aproximação; d) movimento em direção a, com idéia acessória de hostilidade, agressão; e) ingresso, entrada em um novo estado; f) movimento para trás, renovação; g) sentido zero (Romanelli)
A forma *e~* é a romanização, no Ocidente, de *in* advérbio-preposição latina com

sentido diretivo. (Said Ali)

É popular e geral na România, indicando lugar e depois passagem a um estado.

Freqüentemente empregado para formar parassintéticos. (Maurer Jr)

Dessa pesquisa, depreendemos algumas hipóteses da formação das palavras que selecionamos no *corpus*, a saber: *comparar* (tornar igual de forma simultânea, vir de todas as direções para igualar); *contribuir* (companhia, convergência para a tribo, daí apresentar sua parte a tribo); *continuar* (estar em conformidade com a situação de imobilidade, daí sentido de permanência); *contato* (convergência do toque, simultaneidade do toque); *dependere* (ação de pender de cima para baixo, daí a relação de subordinação / dependência); *envolver* (rolar em direção ao espaço interno, daí o sentido figurado ‘entranhar-se’).

Uma questão que se fez presente foi se em latim a repetição prefixo-preposição já ocorria. Ao pesquisarmos Saraiva (2000) encontramos que *comparare* já aparece em um dos exemplos com a repetição: *Comparare meum senium cum dolore tuo*. (‘Unir a minha mágoa a tua dor’). Porém, todos os demais não apresentam a repetição, tal como exemplificamos a seguir, com o uso da preposição *ad*: *Comparare aliquem alicui*. (‘Comparar uma pessoa a outra’). O mesmo aconteceu com o verbo *contribuere* que apresentou o uso da preposição *cum* em somente um exemplo: *Contribuere cum Oscensibus* (reunir – um povo – aos Oscenses). O verbo *dependere* apresentou um exemplo com a preposição *ex*: *Dependere ex humeris* (‘Cair, descer dos ombros - um vestido). Já os verbos *involvere*, *continuar* e *contingere* (*contactus*) não aparecem preposicionados em nenhum exemplo.

Uma possibilidade de entendimento da repetição de morfemas seria lembrarmos que o latim é uma língua muito repetitiva, pleonástica. Daí a identidade prefixo-preposição. Porém, nossa (incipiente) pesquisa não demonstrou esse fato com todas as palavras analisadas. Se em alguns verbos a repetição já ocorria, em outros só mais tarde houve tal necessidade de reiteração. Os pontos de contato entre prefixo e preposição explicariam tanto a necessidade de recuperar um dado em desuso, por isso repeti-lo, quanto a escolha da

mesma partícula para estabelecer relações em uma língua analítica como o português. Em relação a isso, diz Said Ali (§ 1088):

“Há pontos de contato entre os advérbios e as preposições, e sabe-se que as preposições latinas foram primitivamente advérbios. Mas ao passo que a função destes é ajuntar-se a verbo, adjetivo ou também a advérbio e modificá-los, desempenham as preposições papel análogo ao dos sufixos dos antigos casos oblíquos. Usam-se antepostas a substantivos e pronomes (e também ao infinitivo como forma nominal) para lhes acrescentar noções de lugar, instrumento, meio, posse, etc., e este resultado se obtém mais completamente e com mais clareza do que era possível com os poucos casos oblíquos da declinação latina.

Tentamos, aqui, reconstruir as raízes latinas dessas palavras e, com isso, perceber como foram criadas e os morfemas envolvidos nesse processo.

Seguindo a lógica de que, mesmo com a noção implícita, há a necessidade de repeti-la, temos o caso da preposição *cum* que se juntou como enclítica ao ablativo dos pronomes pessoais e reflexivos. Segue-se o quadro proposto por Williams (1975).

Latim clássico	Português arcaico	Português moderno
<i>Mecum</i>	<i>Mego, comego, migo, comigo</i>	<i>Comigo</i>
<i>Tecum</i>	<i>Tego, contego, tigo, contigo</i>	<i>Contigo</i>
<i>Secum</i>	<i>Sego, consego, sigo, consigo</i>	<i>consigo</i>

Latim clássico	Latim vulgar	Português arcaico	Português moderno
<i>Nobiscum</i>	<i>Noscum</i>	<i>Nosco</i>	<i>Connosco</i>
<i>uobiscum</i>	<i>uoscum</i>	<i>bosco</i>	<i>convosco</i>

Na medida em que a significação das sílabas –go e –co se perdia, a preposição era de novo adjungida a essas formas, já então como proclítica. As novas combinações se conformavam à ordem regular do pronome e preposição em português.

No *corpus* em análise, houve somente uma ocorrência de “comigo” (linha 744 – “quem vem *comigo* e quem vem me ajudar fazer a caçada”). Talvez essa baixa frequência se deva ao fato do inquirido privilegiar a veiculação de “verdades” por parte dos dois entrevistados, não dando oportunidade, por isso, a manifestações particulares e pessoais.

Tanto que o item ocorreu em uma fala imaginária de um caçador e, portanto, o *comigo* não se referia ao falante.

Convém lembrar que a repetição ocorrida nesses pronomes citados só pode ser considerada redundância do ponto de vista diacrônico, já que o falante atual só reconhece uma vez a preposição *com*.

Sobre as motivações que acarretam mudanças na língua, faz-se conveniente a seguinte ilustração que faz Romero (2005) baseada na teoria multissistêmica de Castilho:

“Acompanhando a evolução da palavra *comigo* vemos que o processo inicial de mudança seguiu essa ordem [a saber: alteração sintática>alteração morfológica>alteração fonológica], pois foi o uso de *cum* posposto que gerou *mecum* (sintaxe), fazendo com que fosse percebido como parte integrante da palavra (morfologia). Essa nova forma sofreu um processo de fonologização que deu origem a *migo*. Porém, a mudança dessa forma para a atual *comigo* não começa pela sintaxe, pois foi a alteração semântica (motivada pela fonética) que fez surgir a necessidade de acrescentar *com*. Vale lembrar que em cantigas como *Ai, flores do verde pino*, de D. Dinis (1261 – 1336), coexistem as formas *comigo* e *vosco*, indicando que a mudança ocorreu inicialmente com *migo*, porque já não se podia perceber a forma *com*, como em *vosco*.” (Romero, 2005: 13)

Com isso, ao comentarmos a redundância do ponto de vista diacrônico, é importante salientar que não só o falante atual não reconhece a presença repetida da conjunção *com*, e sim, até mesmo provavelmente o usuário da língua do século XIII.

Repetição de sílabas, palavras ou idéias

Embora o pleonasma esteja mais ligado ao campo da expressividade, daí à estilística, a análise da etimologia da palavra e de seus compostos elucidam, de certa forma, como o pleonasma foi criado. Por exemplo, em “sair fora” (linha 4), temos o verbo **sair** com etimologia latina *salire* (segundo Machado, “saltar, pular; palpitar, vibrar, bater (coração, pulso); sair”, que, portanto, se encarregou de substituir parcialmente *exire*. Séc. XIII.; segundo Cunha, ‘passar do interior para o exterior’, ‘afastar-se, partir, largar’). Ou

seja, a noção de passar do interior para o exterior, de dentro para fora, faz com que a repetição da idéia “sair fora” não seja aceita pela gramática normativa e seja apontada como erro.

Outro caso interessante de repetição de idéias é a ocorrência de “ser retroativa... atuar sobre o que já existe” (linha 95). A palavra *retroativo* (adj.), segundo Machado, vem do francês *retroactif* (1813). *Retro* é um elemento de composição culta que traduz as idéias de “atrás, para trás”; do latim, *retro* – do adv. *Retro* “por detrás, atrás (com ou sem a idéia de movimento). Esse elemento, de acordo com Cunha, já se documenta no próprio latim, em vocábulos como retroceder e, em muitos outros introduzidos, na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX. Neste caso, o prefixo já traz a noção que o falante quis reiterar.

Caso semelhante acontece em “recomeça tudo de novo” (linha 392). De acordo com Said Ali, *re-* une-se com verbos e tem valor adverbial de “outra vez”, “de novo”. Segundo Cunha, *começar* vem do latim vulgar, *cominiitiare*, ‘iniciar, principiar’ e o prefixo latino *re* (*red* antes de vogais) se documenta em numerosíssimos vocábulos portugueses, com as noções básicas de: (i) ‘volta, retorno, regresso’; (ii) ‘repetição, reiteração’; (iii) ‘oposição’. Já no latim passa a idéia de “de novo”. Pode-se ocorrer, também, de levarmos em conta o prefixo *re-* da forma vista por Crystal citada anteriormente. Nesse caso, é de se perguntar se teríamos aí um caso de “triplicação” – três informações iguais.

Houve um caso bastante interessante de reduplicação silábica, típica da definição apresentada por Bechara e por Sandmann (1988). Em três momentos aparece a expressão “blá blá blá” (linhas 417, 704 e 1561). Em sua obra, Sandmann distingue dois tipos de reduplicações: a repetição da sílaba vazia de significado e a repetição de duas palavras. Em primeiro momento, parece-nos que “blá blá blá” faz parte do primeiro tipo, com a repetição de uma sílaba vazia de significado. Houaiss data a palavra de 1945 e apresenta a etimologia como onomatopéia imitativa ou relacionada com o verbo fr. *blaguer* ‘dizer coisas ridículas ou mentiras’. Mesmo que venha do francês, a palavra não foi repetida integralmente, embora permaneça o sentido de “conversa sem conteúdo”.

Evocamos novamente Dubois com uma das definições de redobro como sendo a repetição de uma palavra inteira com fins expressivos. No *corpus* apareceram várias repetições de palavras ou expressões como recurso de ênfase, a saber:

Linha 28	“ali perto da Praça da Sé da Praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô né?... achei horrível... feio feio feio...
Linha 260	“agora uma cidade não é isso você eliminou a poluição acabou... nã nã nã não:: tem uma análogo assim da cidade grande tipo... vontade dos habitantes de poluir”
Linha 455	Sabe chega imigrante chega imigrante chega imigran::te e crece e cresce e cresce e... e:: ao mesmo tempo houve o crescimento das... digamos das vias
Linha 947	Num esquema mais antigo... você... não tem uma coisa... no fundo no fundo você sabe sair... caça... e:: não morre de fome
Linha 1512	Você deve conhecer uma experiência que fizeram com ratos de amontoar rato em:: em gaiolas pequenas e deixar reproduzir reproduzir
Linha 1563	Agora é guerra fria et cetera et cetera

3. Considerações finais

Tomamos por mote a citação de Booji (apud Pereira, 2004): “o sector da formação de palavras deve estudar não apenas a estrutura interna das palavras, mas também os efeitos dos processos morfológicos na ‘sintaxe externa’ dos produtos formados, ou seja, na configuração semântica, na sua valência sintáctica/estrutura argumental e na sua estrutura aspectual. (cf. Booji 1992)”. Dessa forma, procurou-se neste artigo analisar a repetição tanto pelos elementos de constituição da palavra quanto pelo efeito causado por ela ou pela necessidade de ocorrência.

Pelos exemplos analisados, podemos distinguir dois grupos de repetição: a que objetiva recuperar dados e a que está a serviço da ênfase. De modo geral, percebemos que a repetição que envolve morfemas está a serviço da recuperação de noções que em dado momento da língua já não são mais facilmente percebidas. Nesse momento, a língua aciona um mecanismo para compensar a perda ocorrida. Isso se deu com a coocorrência de prefixo-preposição, bem como no caso dos pronomes pessoais oblíquos. É de se considerar

que até mesmo nos exemplos de ‘retroativo’ ou ‘recomeçar’ pode ter ocorrido um esvaziamento da noção do prefixo por parte do falante.

Já com a repetição de palavras ou expressões, o que se tem é a necessidade de enfatizar a idéia apresentada. Procura-se, dessa forma, sensibilizar o ouvinte (no caso do nosso *corpus* analisado) e fazê-lo perceber a intensidade daquilo que é falado.

Este trabalho, mesmo que de maneira superficial, tocou em pontos importantes sobre os casos de repetição, redobro ou reduplicação na língua portuguesa falada culta de São Paulo que, de alguma forma, pode sinalizar o uso desses mecanismos pelos falantes de língua portuguesa no geral.

4. Referências bibliográficas

- ALI, M. Said. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. (ed. revista e ampliada). São Paulo: Cia Melhoramentos, Brasília:Ed. Universidade de Brasília, 2001.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa** (37.^a ed) Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005.
- CÂMARA JR, J. Mattoso. **Dicionário de Filologia e Gramática** (5.^a ed). Rio de Janeiro, Jozon Ed, 1973.
- CASTILHO, Ataliba e PRETI, Dino (org.) **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo – Vol. II – Diálogos entre dois informantes**. São Paulo: Ed. T.A. Queiroz/Fapesp, 1987.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.
- CUNHA, Antonio Geraldo de. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa** – CD-Rom – São Paulo, Ed. Objetiva, 2002.
- DUBOIS, Jean *et alii*. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português** (6.^aed). Rio de Janeiro: FAE, 1991.
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) **Approaches to grammaticalization. Vol.I: Focus on theoretical and methodological issues**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991 (pp.17-35)

- LABOV, William. **Principles of linguistic change. Volume I: Internal factors.** Oxford: Blackwell, 1994.
- MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.** 2 ed. Lisboa - Portugal: Editora Confluência Ltda., 1967.
- MAURER JR, Theodoro Henrique. **A unidade da România Ocidental.** São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1951.
- PEREIRA, Rui Abel. Condições estruturais de formação de verbos em português. In: RIO-TORTO, Graça Maria (org.) **Verbos e nomes em português.** Coimbra: Livraria Almedina, 2004.
- RIO-TORTO, Graça Maria. **Morfologia Derivacional** – teoria e aplicação ao Português. Porto: Porto Ed, 1998.
- ROMANELLI, R.C. **Os prefixos latinos** – da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1964.
- SANDMANN, A. J. **A formação de palavras no português brasileiro contemporâneo.** Curitiba: Scientia et Labor: Ícone, 1988.
- SARAIVA, F. R. **Dicionário latino-português.** 11.ed. Rio de Janeiro, Liv. Garnier, 2000.
- VIARO, Mário Eduardo. **Por trás das palavras** – manual de etimologia do português. São Paulo: Globo, 2004.
- WILLIAMS, Edwin B. **Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.